

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

O riginário do distrito de Beja, com ligações próximas às terras do escritor Fialho de Almeida, esse país das uvas que corre da Vidigueira até Ferreira do Alentejo, ligações nunca esquecidas e tomadas como sinal predestinado da sua estrela, Afonso Cautela cursou o magistério primário e foi de início professor primário no Alentejo e Algarve. Muito jovem, ligou-se ainda ao jornalismo regional alentejano, criando um suplemento literário, "Ângulo", integrado no jornal *A Planície*, da vila de Moura, que veio a ter repercussão e audiência inesperadas na segunda metade da década de 50 do séc. XX.

Na sequência, Cautela criou *Zero – cadernos de convívio, crítica e controvérsia*, de que saíram dois números (1958) e que foram quase na íntegra redigidos por ele. Os opúsculos revelaram uma acerada vocação crítica, ficando como uma das melhores expressões das inquietações da juventude portuguesa da década de 50, marcada pela decepção gelada da Guerra Fria e pela capacidade de sobrevivência duma ditadura anormalmente resistente. «Geração da gaveta» – assim crismou então Afonso Cautela os que atingiram os 20 anos na década de 50 do século XX e que haviam já nascido depois da ditadura e do Estado Novo.

No rescaldo desses primeiros anos, Cautela publicou uma curtíssima obra poética, *Espaço mortal* (1960) e *O nariz* (1961), que o colocam na primeira linha dos poetas então revelados, dando a perceber a sua afinidade com o surrealismo, movimento que se manifestara em Portugal no final da década de 40 num círculo restrito mas muito interventivo. Embora o divórcio do jovem poeta dos meios lisboetas fosse quase total, a sua acção não passou despercebida a Mário Cesariny, que escolheu uma nóvela sua, "A falência do neo-realismo", publicada em *Zero*, para abrir a colectânea *Surrealismo Abjeccionismo* (1963). Na primeira metade dessa década, Afonso Cautela consagrou-se sobretudo à problematização do surrealismo e duma das suas franjas, o realismo fantástico, que muito então o atraiu.

Não mais voltou a publicar livros de versos, até que um dos seus amigos, José Carlos Costa Marques, que o havia lido logo em 1960, e mais tarde o reencontrara por outras razões, o instou a dar a público uma nova sequência poética, *Campa rasa e outros poemas* (2011), cuja edição se deveu em exclusivo ao editor. Anos mais tarde, quando Cautela se desinteressara já quase de todo do destino público da sua poesia, o mesmo Costa Marques organizou-lhe a obra poética com o título *Lama e Alvorada – poesia reunida 1953-2015*, cujo vol. I constituído por "inéditos e dispersos" surgiu em 2017 (Afrontamento). Prevê-se a

# AFONSO CAUTELA

## [1933-2018]

### "OS DOSSIÊS DO SILÊNCIO"



saída próxima do vol. II, republicando os três livros do autor, com exclusão dos "outros poemas" de *Campa Rasa*, incluídos no primeiro volume a título de dispersos.

Como quer que seja, foi como grande jornalista de intervenção que Afonso Cautela se notabilizou no seu tempo e entre os seus contemporâneos. Abandonando o ensino primário, para o qual não sentia vocação, veio para Lisboa e acabou por ingressar no jornalismo profissional, primeiro no diário *República* (1965-68), depois n' *O Século* (1972-1977) e por fim n' *A Capital* (1982-1996). Foi o primeiro jornalista português a ter

uma consciência ecológica e foi ele o primeiro logo no início da década de 70 a trazer para a grande imprensa portuguesa os temas da natureza. Não se limitou a dar eco às espectaculares revelações que então tinham lugar e faziam a capa das grandes folhas internacionais – a bomba demográfica de Paul Ehrlich, os dois relatórios do MIT para o Clube de Roma sobre os limites do crescimento (1972; 1974), o choque petrolífero de 1974, a candidatura presidencial de René Dumont em França

(1974) – mas palmilhou o país de lés a lés na companhia dum fotógrafo para denunciar em reportagens acutilantes e acusadoras os crimes que se cometiam contra o ar, contra a terra, contra os rios, contra as árvores, contra tudo o que era natureza e caía sob a alçada do silêncio. Ficaram célebres as suas virulentas impugnações da eucaliptação das serras portuguesas no sul do país para servir os interesses da insaciável máquina da indústria do papel.

Depois do 25 de Abril de 1974, criou e legalizou em cartório notarial de Lisboa (*Diário da República*, 5.3.1975) o Movimento Ecológico Português (M.E.P.) e to-

mou a cargo a publicação do jornal *Frente Ecológica* (1975-1977), de que saíram 15 números e que subintitulou "órgão do militante ecológico" ou "boletim mensal do movimento ecológico". Beneficiando das tribunas de imprensa de que dispunha, foi dos primeiros em Portugal a acusar publicamente a burla da energia nuclear aplicada a fins civis e a clamar pela urgente mobilização contra a construção duma central nuclear em Ferrel, no concelho de Peniche. Com Delgado Domingos, José Carlos Costa Marques e José Luiz de Almeida Silva, este do jornal *Gazeta das Caldas* (Caldas da Rainha), promoveu debates públicos sobre o dossiê energético e esteve na origem das concentrações populares que bloquearam entre 1976 e 1978 o arranque dos trabalhos.

No ano em que fez 80 anos, numa das últimas entrevistas que deu, disse o seguinte: *os grandes silêncios e silenciamentos do Ambiente em Portugal – que levariam a radicalizar o movimento – continuam cada vez mais silenciados, como é o caso do triângulo trágico Fogos-Eucaliptos-Deserto/Secas. Já em Julho de 2012 foi um dos maiores fogos numa das serras mais belas de Portugal (Caldeirão ou Mu) (...). Quando arde Portugal, sofre na pele e na alma o sofrimento do Ambiente: as árvores sofrem e os animais que nelas habitam. Um país que caminha para a desertificação acelerada caminha para a Morte e é qualquer coisa que, após 40 anos, não consigo aceitar, perceber, encaixar e que me dói, no corpo e na alma, de maneira irreversível. Dossiês do silêncio, como este, há dezenas.*

Estas palavras ilustram uma refinada sensibilidade. Refractário ao convívio, pouco afectuoso na primeira abordagem, sanhudo e até bravo, este homem sofria na pele e na alma a dor das árvores e dos bichos. Faleceu há pouco, a 21 de Junho de 2018, aos 85 anos, retirado de tudo e de todos. Sempre se quis um solitário, um franco-atirador, que facção alguma – partido ou igreja – arregimentou. Prezava muito a independência e no final da vida confessava que o mais vivo do que fizera não fora nem o jornalismo nem a militância cívica. O melhor do seu legado, dizia, era a poesia – essa que cultivara em segredo nos recantos escondidos dos seus dias.

Tinha razão! Foi poeta por condição natural e cultivou a flor da poesia por puro instinto, alheado do sistema literário e das suas regras de conduta! A sua poesia tem a espontaneidade, o brilho e a beleza ingénua duma flor selvagem da terra ou duma estrela distante do céu. Sem a poesia, aquele ser frágil e eriçado de arame, todo ele um feixe de nervos vibráteis, prontos a incendiarem-se à mínima faísca exterior, não teria sobrevivido aos abanões do mundo nem teria pedido contas aos homens com a mesma destemida e certa contundência. E sem ela não teria amado a natureza como amou – com tão fina disposição e tão vibrante paixão.

*Palmilhou o país de lés a lés na companhia dum fotógrafo para denunciar em reportagens acutilantes e acusadoras os crimes que se cometiam contra o ar, contra a terra, contra os rios, contra as árvores, contra tudo o que era natureza e caía sob a alçada do silêncio.*



**mapa**  
Jornal de Informação Crítica

**MAPA: Jornal de  
Informação Crítica  
Número 21  
Setembro - Novembro 2018**

**Propriedade:** Associação  
Mapa Crítico  
**NIPC:** 510789013  
**NIB:** 0035 0774 00143959530 98  
**Morada da redacção/editor**  
Largo António Joaquim Correia,  
n.º13, 2900-231, Setúbal  
**Correspondência:** enviar  
para morada da redacção A/C de  
Guilherme Luz  
**Registo ERC:** 126329  
**Diretor:** Guilherme Luz - gui.luz@  
jornalmapa.pt  
**Editor:** Ana Guerra  
**Subdiretor:** Frederico Lobo  
**Director adjunto:** Inês Oliveira  
Santos

**Estatutos editoriais do  
Jornal MAPA:**  
<https://goo.gl/ZgkQxM>

**Colaboram no jornal MAPA  
com Artigos, Investigações,  
Ilustrações, Fotografias,  
Design, Paginação, Revisão  
e Site:**

M.Lima\*, Filipe Nunes\*, Teófilo  
Fagundes\*, Delfim Cadenas\*,  
José Smith Vargas\*, Guilherme  
Luz\*, Cláudio Duque\*, P.M\*,  
Júlio Silvestre\*, Ali Baba\*, Inês  
Rodrigues\*, Sandra Faustino\*, José  
Carvalho\*, Huma\*, João Vinagre\*,  
J. Martins\*, X. Espada, κοινωτική,  
Jorge Valadas, Zita Moura\*,  
Catarina Leal, Catarina Santos,  
Ricardo Ventura, Júlio Henriques,  
ZNM, Sara Moreira, Susana Baeta,  
Francisco Colaço Pedro, Sofia  
Pereira, Diana Dionísio, JT, Bolota  
Carvalho, Marta Vidal, João Vilela,  
Mariana Vieira, AdaSilvaO, MC,  
Diogo Duarte, Sébastien Navarro  
(CQFD), Mortimer (CQFD), Étienne  
Savoie (CQFD), António Cândido  
Franco, Daniela Rodrigues, Luis  
Licht, Tiago Baptista.

\* Colaboradores permanentes /  
Pensamento,  
discussão e desenvolvimento  
do projecto editorial (colectivo  
editorial)

**Ilustração da capa:** Catarina  
Santos

**Periodicidade:** trimestral  
**PVP:** 1 euro  
**Tiragem:** 3000 exemplares

**Contacto:** geral@jornalmapa.pt  
**Distribuição:** distribuicao@  
jornalmapa.pt  
**Assinaturas:** assinaturas@  
jornalmapa.pt  
**Site:** www.jornalmapa.pt  
**Facebook:** facebook.com/jornal.  
mapa  
**Twitter:** twitter.com/jornalmapa  
**Depósito legal:** 357026/13  
**Tipografia:** Funchalense-  
Empresa gráfica S.A.  
Rua Capela Nossa Sra. da  
Conceição 50, 2715-311 Pêro  
Pinheiro

Os artigos não assinados são  
da responsabilidade do colec-  
tivo editorial do jornal MAPA. Os  
restantes, assinados em nome  
individual ou colectivo, são da  
exclusiva responsabilidade dos  
seus autores.